

De que tratam os filósofos

Dia Mundial da Filosofia

A **filosofia**, tal como ainda hoje é praticada no Ocidente, nasceu nas antigas colónias gregas da Ásia Menor por volta do século VI a. C., em especial Mileto, a cidade onde viveu Tales, um dos primeiros filósofos conhecidos. Ainda assim, é difícil saber a data exata em que a palavra *filosofia* começou a ser utilizada num sentido próximo do atual. O matemático Pitágoras terá sido um dos primeiros a fazê-lo ao designar por filosofia a atividade a que se dedicavam todos aqueles que procuravam o conhecimento. *Filosofia* é uma palavra composta que resulta das palavras gregas **philia** (que significa *amizade* ou *amor*) e **sophia** (que significa *conhecimento* ou *sabedoria*). No seu sentido original, a filosofia é a atividade a que se dedicam os que amam ou procuram o saber.

Mas de que questões se ocuparam os filósofos? Vejamos alguns exemplos.

Em geral, olhamos para os objetos que povoam o mundo que nos rodeia sem nos apercebermos do quanto há de misterioso no facto de todas estas coisas existirem. Mas, por vezes, não conseguimos evitar a ideia de que o universo, no seu conjunto, poderia não existir. Ora, se for assim, *por que existirá alguma coisa em vez de nada?* Não será a existência algo de muitíssimo enigmático? Que **significado** se justifica atribuir-lhe? Será a natureza um produto do acaso ou a existência tem um objetivo?

Esta questão já é bastante surpreendente, mas existem outras, tanto ou mais surpreendentes do que ela, sobre as quais vale a pena pensar. Um dos problemas mais discutidos da filosofia diz respeito à existência de Deus. Trata-se de saber se Deus existe, ou que *razões* há para pensar que sim (ou que não). Este tema tem dado origem a muitas controvérsias.

Muitos de nós fomos educados para acreditar em Deus. Eis um facto que podemos observar não apenas na nossa cultura, mas também em muitas outras sociedades. A prova disso é a existência das várias religiões mundiais: o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, etc., têm em comum a crença num Deus único, todo-poderoso e criador de tudo o que existe. Mas nem todas as pessoas que professam uma religião acreditam em Deus. O budismo, uma religião fundada por Siddhartha Gautama – considerado o primeiro **Buda** – não acredita que o mundo tenha sido criado por um Deus único e todo-poderoso ou, sequer, que

Deus exista. Além disso, vale a pena considerar todas aquelas pessoas que não professam qualquer religião. Admitamos que estão enganadas: será que podemos *prová-lo*? Existirão *boas razões* para pensar que estão erradas? Quais?

Tal como no caso da existência de Deus, nem sempre é fácil chegar a um acordo a respeito do que é o bem e o mal. Perguntar, por exemplo, qual é a maneira *correta* de uma pessoa viver a sua vida dá origem a respostas não apenas diferentes como inconciliáveis. Quem tem razão?

O conhecimento das diferentes sociedades humanas mostra que pode haver diversas opiniões sobre o que são ações boas e más, ações certas e erradas. Uma ação pode ser considerada **moralmente correta** numa sociedade e moralmente errada noutra sociedade: o infanticídio, o adultério, o aborto ou até o sexo fora do casamento são ações que podem ser avaliadas de maneira muito diferente consoante se viva em Portugal, no Paquistão ou na Grécia Antiga. Quer isto dizer que o bem e o mal, o certo e o errado, *dependem unicamente do ponto de vista de cada sociedade*?

A **ética** é a parte da filosofia que procura refletir sobre questões relacionadas com o bem e o mal. Alguns exemplos de questões éticas são os seguintes. O que é o bem? Será o aborto permissível? Devemos permitir a eutanásia? Os animais têm direitos? Os valores morais serão universais?

A **filosofia política**, por outro lado, é uma disciplina que trata de questões relacionadas com a maneira como as sociedades humanas *devem* ser organizadas. Na origem desta preocupação está a ideia de que, apesar de as sociedades estarem organizadas segundo regras ou princípios muito diferentes, nem todas as formas de organização social são *justas*.

Será justo, por exemplo, que uma pessoa não beneficie de cuidados médicos quando necessita apenas porque não ganha dinheiro suficiente para os pagar? Que papel devem ter o Estado e os governos nesta matéria? Se eu não tiver meios para pagar as despesas com uma operação que necessito fazer, essa operação não deixa de ter custos. E, se não for eu, alguém terá de os pagar. Onde deve o Estado ir buscar o dinheiro para pagar os tratamentos de que necessito? Deverá obrigar os que mais rendimentos têm a pagar mais impostos para que todos (em particular os de menores rendimentos) beneficiem de cuidados de saúde gratuitos? E em que poderá basear-se o *direito* do Estado agir deste modo, impondo a sua vontade mesmo aos que discordarem de tais medidas?

Mas nem todos os problemas tratados em filosofia são tão sérios como estes. A **arte** e a beleza, por exemplo, têm a maior importância para os filósofos.

O objetivo da arte foi durante séculos o de produzir beleza. No entanto, existem hoje muitas obras de arte das quais a beleza parece

irremediavelmente ausente. E quando ouvimos os seus autores, este não foi sequer um aspeto que os tenha preocupado. Apesar disso, estas obras proporcionam-nos aquilo a que se pode chamar **experiências estéticas**. Vemo-las expostas em galerias e em museus, dão origem a diferentes juízos e convidam ao debate. Mas o género de experiência que a arte parece ter o poder de causar (tal como uma paisagem) não é fácil de definir.

Kant propôs que a sua característica principal é a satisfação ou o *prazer desinteressado*. Kant queria dizer com isto que a experiência estética não está ligada a um interesse prático nem tem em vista algo mais além dela própria. É o género de experiência que procuramos por ser tal como é. A contemplação estética desinteressada é um fim em si mesma.

Mas uma experiência estética pode dar origem a opiniões muito diversas. Se a arte é geralmente muito apreciada, também é frequente encontrarmos pessoas que estão em desacordo sobre o valor estético de certas obras. Uma canção, uma escultura ou um poema podem agradar muitíssimo a algumas pessoas e deixar outras indiferentes ou até desgostosas. O mesmo quadro, filme ou peça de teatro podem dar origem a diferentes juízos de gosto. Como explicar estas diferenças de opinião? Será que a beleza está presente nas próprias coisas ou apenas existe nos olhos do observador? Dito de outra forma: será a beleza **objetiva** (algo que existe nos próprios objetos) ou **subjetiva** (apenas existe no *sujeito*, no *observador*, variando, portanto, de pessoa para pessoa)?

Para além de questões associadas à ideia de beleza e de gosto, podemos ainda perguntar: o que é a arte? Será que um objeto tem de ter características especiais para ser considerado uma obra de arte ou *qualquer* objeto pode ser arte? Terá um objeto que ser *criado* por uma pessoa para ser arte?

Os assuntos acima referidos são apenas exemplos do que trata a filosofia, e podem ser estudados nos 10º e 11º anos. A filosofia não se esgota neles. Talvez a curiosidade te permita **descobrir outras**. Pensa nisso!

Paulo Ruas

Grupo de Filosofia – Departamento de Humanidades

Adaptado de:

Diálogos de Filosofia, Texto Editora